5º Seminário Ibero-americano
ARQUITETURA e DOCUMENTAÇÃO
Belo Horizonte – 24 a 26 de outubro de 2017



ARQUITETURA BRASILEIRA NA REVISTA PROJETO : A FORÇA DO LUGAR NOS ANOS 1980

(1) LUBIANA, NATALIA; (2) ALMEIDA, RENATA HERMANNY DE

1. Mestranda em Historia da Arquitetura na Université Paris I - Panthéon Sorbonne
7L Boulevard Jourdan - CIUP - Maison du Brésil - Studio 111 - 75014 Paris - França
natalialubianad@gmail.com

2. Universidade Federal do Espírito Santo - Centro de Artes – Professora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - PPGAU/UFES
Rua Doutor Moacyr Gonçalves, 711, apt. 303, Jardim da Penha – 29.060-445 - Vitória – ES
renatahermanny@gmail.com.br

RESUMO

Na segunda metade do século XX, em contraponto à arquitetura universal, racional e funcionalista, proposta pelos modernos, discute-se a importância de uma arquitetura atenta às particularidades do lugar de sua inserção. Este questionamento, proeminente no cenário brasileiro após a construção de Brasília, é motivado por formulações teóricas e projetuais internas, mas com interlocutores diretos nos vizinhos latino-americanos. Em resposta a um passado de dominação cultural, econômica e política, parece ser um desejo comum a busca por uma identidade, afim de diminuir a dependência cultural em relação aos países europeus, principalmente. Nesse contexto de ideias, as revistas especializadas em arquitetura exercem importante papel na consolidação de uma crítica arquitetônica, com destaque, no caso brasileiro, para a revista Projeto. Frente a este quadro histórico e reflexivo, o artigo discute o peso das pré-existências arquitetônicas e culturais, dos dados empíricos e dos fatores socioeconômicos na concepção de projetos arquitetônicos e urbanísticos em período marcado por discussões relacionadas à força da identidade e do lugar na arquitetura: os anos 1980. Para tanto, recorre ao estudo de edições da revista Projeto, publicadas entre agosto de 1977 e dezembro de 1989, conduzido por duas etapas: 1) análise de textos publicados e, principalmente, de plantas, cortes e fachadas, é criada uma relação de projetos e obras pautados na consideração das particularidades de cada lugar como pontos norteadores na concepção do partido arquitetônico; 2) catalogação e reunião do conjunto pesquisado em um quadro-síntese, 77 trabalhos de arquitetos brasileiros edificados pelas cinco regiões do país. Esse material permite compreender o processo de consolidação e difusão das arquiteturas do lugar enquanto tendência no cenário arquitetônico brasileiro, bem como os principais artifícios utilizados pelos arquitetos para contextualizar as obras. Desse modo, observa-se que a preocupação em refletir aspectos culturais, climáticos e tecnológicos locais, é evidenciada de maneiras e intensidades distintas. Sem uma cartilha dogmática e com um vasto repertório formal-construtivo, os arquitetos ficam livres para escolher os artifícios mais apropriados para inserir a obra no entorno. Estes artifícios são classificados segundo quatro categorias: *materiais e técnicas construtivas, condições climáticas, conformidade com o sítio histórico-urbano, e conformidade com o sítio físico-geográfico.* Ademais, observa-se que esse posicionamento frente à realidade não domina a prática arquitetônica repentinamente, mas, sim, acompanha a retomada dos debates críticos em arquitetura, o que permite concluir que a busca por uma identidade cultural se reflete no pensar e no fazer arquitetura, tendo a revista Projeto especial relevância neste processo, considerando a quantidade de obras, projetos e textos publicados e a abrangência dos mesmos, tanto no contexto nacional quanto latino-americano.

Palavras-chave: revista Projeto, arquitetura do lugar, arquitetura no Brasil, teoria e crítica

Introdução

O presente artigo se propõe a discutir, por meio de um olhar crítico, a importância das pré-existências – arquitetônicas e culturais -, dos dados empíricos e dos fatores socioeconômicos de uma realidade local na concepção de projetos arquitetônicos e urbanísticos, em um período marcado pela mudança de parâmetros na arquitetura brasileira: a década de 1980. Por meio de análise crítica de projetos e obras edificadas publicados na revista *Projeto*, intenciona entender em que medida o lugar e suas condicionantes são considerados determinantes na prática projetual dos arquitetos brasileiros no período em questão, constituindo elementos determinantes no produto final do fazer arquitetônico, a obra de arquitetura.

O recorte temporal adotado para o estudo, a década de 1980, justifica-se na medida em que é reconhecido como um período marcado por tensões e inflexões no cenário arquitetônico brasileiro. Neste momento, as contradições e questionamentos, aflorados posteriormente à construção de Brasília, ganham força e os princípios de racionalismo e universalismo, propostos pelo movimento moderno, começam a ser substituídos por arquiteturas e intervenções urbanas cada vez mais preocupadas com a problemática do lugar e suas particularidades.

As arquiteturas do lugar – antecipando o termo conceituado ao longo do artigo, para descrever os projetos preocupados em se identificar com uma realidade em particular, configuram-se como uma tendência no cenário arquitetônico brasileiro, nas últimas décadas do século XX, fazendo eco às discussões em pauta em outros países latino-americanos. No contexto em questão, destaca-se, especialmente, a contribuição da revista *Projeto*, devido à sua considerável importância e abrangência no cenário arquitetônico nacional e latino-americano, uma vez que as discussões suscitadas pela revista fazem parte de uma rede, mais ampla, comum a outros países da América Latina.

Por meio da elaboração de catálogos e da organização de mostras e exposições, a revista estabelece um intercâmbio com outras publicações latino-americanas especializadas em arquitetura. No contexto brasileiro, apresenta-se como um campo de discussão com perspectiva de contribuir para a prática do exercício do arquiteto, ao divulgar obras e projetos, novas tecnologias e materiais; tornando-se, com o passar dos anos, um ambiente aberto ao debate, contribuindo fundamentalmente para a retomada das discussões criticas acerca da arquitetura no Brasil.

Dada sua importância e abrangência, a análise crítica de projetos e obras edificadas publicados na revista *Projeto* se mostra um importante instrumento para discutir a influência do lugar e suas condicionantes na prática projetual dos arquitetos brasileiros. Para tanto, o

estudo é conduzido em duas etapas: em um primeiro momento, analisa-se os textos publicados e, principalmente, plantas, cortes e fachadas, afim de criar uma relação de projetos e obras pautados na consideração das particularidades de cada lugar como pontos norteadores na concepção do partido arquitetônico; em seguida, os projetos são catalogados em um quadro-síntese, o qual reune 77 (setenta e sete) obras edificadas nas cinco regiões do país.

Contextualização histórico-teórica

Em meados do século XX, observa-se, no panorama arquitetônico internacional, principalmente, uma preocupação oportuna e coletiva em pensar a arquitetura por meio de um olhar menos dogmático, responsável por suscitar, por sua vez, questionamentos e uma reflexão crítica sobre a produção arquitetônica e os projetos ligados ao planejamento urbano. Apesar das nebulosidades em que se encontra o quadro arquitetônico e das incertezas e imprecisões sobre os rumos da arquitetura, os conceitos modernos, empregados para categorizar a realidade arquitetônica, mostram-se frágeis, frente aos desafios impostos pela realidade do pós segunda guerra. Inclusive as obras modernistas, cada vez mais difundidas no cenário urbano das cidades, ao deixarem de ser exceções isoladas, passam a desmitificar alguns dos ideais propostos pelo próprio movimento. As contradições entre a prática e o discurso moderno se tornam cada vez mais palpáveis e, ao invés de confirmar expectativas, acabam por se tornarem artefatos concretos de crítica ao próprio movimento (Bastos; Zein, 2010, p. 194).

Entretanto, apesar de recorrente no cenário internacional, a partir do final da Segunda Guerra Mundial, a preocupação com uma discussão fundamentada e atualizada acerca da arquitetura e o início de um debate que discuta (novos) rumos e tendências, ganham força no Brasil, principalmente a partir de meados da década de 1970. Mesmo que uma parcela da categoria, representada pelo repertório formal da arquitetura moderna, ainda considere válida a produção recente na arquitetura brasileira, grande parte dos arquitetos já se identifica com outros discursos e, aos poucos, conduz a arquitetura brasileira a outros rumos, mais experimentais e menos pontuadas por uma cartilha restrita de materiais, formas e tecnologias construtivas. Também a partir da década de 1980, a consciência da importância da preservação da arquitetura e do patrimônio cultural e urbano entra em evidencia[1].

[1] Usando como referência o número de artigos e seções na revista *Projeto* dedicados ao tema patrimônio e preservação das cidades brasileiras e latino-americanas.

O termo pós-modernidade, por sua vez, surge nos debates arquitetônicos brasileiros a partir da década de 1980 – novamente influenciados por discussões formuladas em outros países – e parece estar mais preocupado em evidenciar a existência dos vários posicionamentos adotados pelos arquitetos nos últimos anos, do que estipular tendências ou correntes em maior evidencia. Entretanto, rotular as novas manifestações arquitetônicas sob um único termo, sendo esse pós-modernidade, ou qualquer outro, não se apresenta pertinente. Afinal, o interesse não é substituir velhas certezas por outras, novas. Os debates iniciados no momento apontam para novos caminhos, sem com isso pretenderem criar novas fórmulas ou dogmas orientadores de como deve, ou não, ser concebida a arquitetura brasileira.

É valida uma ressalva, entretanto. O novo quadro arquitetônico, apesar de motivado por questões internas, possui interlocutores latino-americanos (Bastos; Zein, 2010, p. 202). Sendo o contexto parecido, parece lógico os mesmos questionamentos surgirem tanto no Brasil quanto em países vizinhos e que as respostas aos questionamentos tendam a seguir a mesma direção, refletindo a necessidade de desenvolver uma arquitetura nacional, explorando e se preocupando com as características das realidades de cada país. Frente a esta demanda, arquitetos, em quase todos os países latino-americanos, dedicam-se à busca de novas soluções, sejam formais, construtivas ou tecnológicas.

Em contraponto a um passado marcado por dominação cultural, econômica e política, parece ser um desejo comum aos países latino-americanos a busca por uma identidade própria, a fim de diminuir a dependência cultural em relação aos países europeus, principalmente. Em resposta a um passado marcado por séculos de dominação cultural, econômica e política, entram em pauta discussões relativas ao papel das particularidades de uma realidade local, no decorrer do processo projetual. Da mesma maneira, faz-se relevante a produção de uma crítica arquitetônica produzida a partir de temas e problemas vinculados a uma historiografia latino-americana e, assim, distanciada de parâmetros exclusivamente externos à realidade local. Observada em conjunto, a formulação de outros paradigmas projetuais se revela na produção do edifício, da cidade e do urbano.

Sendo assim, a necessidade de se pensar uma arquitetura voltada ao lugar se reflete, também, na crítica arquitetônica. Neste caso, a crítica ao movimento moderno, convertida em uma crítica ao anonimato, à submissão ao cultural e à perda de singularidade. No Brasil, os questionamentos dos preceitos universais, propostos pela arquitetura do Movimento Moderno, durante a segunda metade do século XX, encontram interlocutores latino-americanos no fazer arquitetônico e nos parâmetros utilizados para refletir sobre a arquitetura.

No contexto brasileiro, consideradas as contradições e os questionamentos aflorados após a construção de Brasília, os princípios de racionalismo e universalismo, defendidos pelo movimento moderno de linhagem internacional desenvolvimentista, começam a ser substituídos por arquiteturas e intervenções urbanas cada vez mais preocupadas com a problemática do lugar e suas particularidades (Bastos; Zein, 2010, p. 205). Estas arquiteturas, denominadas ao longo do artigo como arquiteturas do lugar, configuram-se como uma tendência no cenário arquitetônico brasileiro nas últimas décadas do século XX, como consequência da crítica aos preceitos propostos pelo movimento moderno e às reflexões que se seguem.

Esta critica, por sua vez, consolida-se com a retomada dos debates relacionados aos campos arquitetônico e urbanístico, graças ao esforço de grupos de arquitetos (e instituições, para não deixar de falar no Instituto dos Arquitetos do Brasil) e ao ressurgimento de publicações periódicas, especializadas em arquitetura e outros temas envolvendo a cidade. Apesar dos debates acontecerem também nas universidades, em encontros e congressos especializados, ou dentro de órgãos institucionais, são as páginas das revistas que dão visibilidade às discussões e têm a capacidade de alcançar um público especializado maior.

Contribuindo significativamente neste processo, a revista *Projeto*, ao mesmo tempo em que divulga a produção arquitetônica recente, descortina as variadas tendências fortalecidas ao longo das décadas de 1960 e 1970, ainda que silenciosamente, por meio da divulgação de obras, novos materiais e tecnologias, assim como catálogos de fornecedores. Com a colaboração de leitores arquitetos, por meio de envio de material e projetos em execução a serem divulgados na revista, a *Projeto* se dispõe a ser um espaço democrático, que serve de vitrine, relembrando as palavras de seu editor-chefe, Vicente Wissenbach, para a arquitetura brasileira.

Ao fomentar debates, expor projetos e obras, publicar textos e organizar exposições, nacionais e internacionais, a *Projeto* contribui de forma significativa para a consolidação de uma outra crítica especializada em arquitetura e urbanismo no Brasil. Em um esforço mútuo, estreita os laços com publicações latino-americanas voltadas à arquitetura, como, por exemplo, as revistas *Summa* (Argentina), *PROA* (Colômbia) e *ARS* (Chile), colaborando para a criação de uma relação de intercâmbio entre arquitetos e críticos destes e outros países, como Uruguai, Cuba e Equador.

Conceituando lugar na arquitetura

Por um longo período, os parâmetros e diretrizes da arquitetura brasileira, e das arquiteturas da América Latina, parecem permanecer indefinidos, talvez pela falta de uma análise crítica da situação, talvez pela complexidade e a variedade de caminhos surgidos no cenário da segunda metade do século XX. Em função da pluralidade de posturas, distintas frente às mudanças no campo da arquitetura e do urbanismo, desde a negação da crise à sua total aceitação acrítica, arquitetos desenvolvem outras arquiteturas, não condizentes com o dogmatismo do Movimento Moderno, ao mesmo tempo em que não descartam totalmente seus preceitos. Entretanto, a principal característica destas arquiteturas é a preocupação em se adequar e identificar com o ambiente pré-existentes onde são implantadas, configurando certa realidade, certo lugar. Este lugar, quando ligado à arquitetura, pode ser entendido como uma realidade particular, de menor escala e materializado por meio de sua paisagem construída pré-existente – e suas formas, texturas e cores -, do clima, luz e localização geográfica e dos valores culturais e simbólicos apropriados por seu povo, em geral.

Muitas são as denominações para as manifestações arquitetônicas preocupadas com o lugar, conceituadas ao longo dos anos 1980 e 1990: Regionalismo Crítico, Modernidade Apropriada, Arquitetura Apropriada, Arquiteturas do Lugar, entre outras, mais detidamente discutidas abaixo. Porém, pautado em abordagem teórica elaborada como fundamento interpretativo[2], considera-se o termo Arquitetura do Lugar como o mais adequado, frente ao conceito discutido, para denominar arquiteturas que valorizam de diversidade, ao incorporar, ainda durante o processo de concepção do projeto, especificidades e particularidades de cada lugar como dados concretos, ao invés de simplesmente substituí-los ou ignorá-los. E, como discutido adiante, por meio dos textos e obras apresentados na revista *Projeto*, estas arquiteturas podem se relacionar com o lugar assumindo diversas atitudes.

As arquiteturas do lugar são um contraponto às várias manifestações arquitetônicas dos anos desenvolvimentistas, opondo-se, entre outros, à padronização e à reprodução de soluções em prol de aspectos econômicos e quantitativos e às soluções formais-construtivas de arquitetos brasileiros consagrados que exploram ao máximo o concreto armado, símbolo do desenvolvimento nacional. Limitando-se a uma cartela reduzida de materiais e texturas e não se comunicando com o entorno, estas arquiteturas constituem bandeiras aos princípios da arquitetura e, por consequência, do urbanismo moderno. Ao incorporar modelos prontos, vindos de outras realidades, ou pensados para nenhuma realidade em particular, acaba-se

[2] Neste, destaca-se o trabalho de Josep Maria Montaner em Espacio y antiespacio, lugar y no lugar en la arquitectura moderna*,* em *La modernidade superada. Arquitectura, arte y pensamento del siglo XX.* Gustavo Gili. Barcelona. 1997.

criando espacialidades vazias, sem personalidade ou identificação cultural; ao se contraporem tão drasticamente ao tecido urbano da cidade, rompem com a lógica do urbanismo tradicional, criando fragmentos distintos no mesmo contexto urbano.

Além da arquitetura como obra construída, os projetos de planejamento urbano, como é o caso de Curitiba, e os discursos e discussões por parte dos arquitetos, publicados em revistas ou colocados em pauta em seminários e congressos, voltam-se para a crítica e a busca de projetos mais condizentes com a realidade. Em relação às técnicas construtivas, nos últimos anos da década de 1970, várias tecnologias alternativas ao uso de concreto armado são desenvolvidas, a fim de encontrar soluções mais econômicas. Nos anos seguintes, cresce o número de construções utilizando a madeira e o aço como materiais estruturais, já que em algumas regiões os mesmos são mais acessíveis do que o concreto armado.

As arquiteturas do lugar se configuram, portanto, como um dos caminhos trilhados pela arquitetura brasileira, principalmente a partir da década de 1980. Os arquitetos brasileiros identificados com esta prática buscam soluções, tanto tipológicas quanto construtivas e formais, para inserir o artefato arquitetônico no seu entorno imediato, criando propostas em dialogam com a realidade local. Logo, ao serem pensadas para uma exata realidade, ao serem deslocadas e inseridas em outra diversa, tendem a se tornar distorcidas e inadequadas. Em suma, são arquiteturas coerentes com o seu usuário e com o lugar onde se insere.

De forma mais realista e sem a preocupação de expressar o desenvolvimento tecnológico por meio da arquitetura, as arquiteturas do lugar são mais sensíveis às manifestações culturais locais e, em alguns casos, também se preocupam com os futuros usuários. Portanto, o conceito de lugar está vinculado a algo mais sensível, aos valores simbólicos e culturais de determinada espacialidade, definidos por características particulares dos elementos e grupos sociais que o compõem. Não coincidentemente, o termo lugar é utilizado por se tratar de um recorte geográfico mais específico e de menor escala do que a região, uma vez que, ao menos no caso brasileiro, o conceito de região está mais atrelado às grandes extensões territoriais que, apesar das diferenças, nem sempre serem muito alarmantes, tendem a englobar manifestações culturais diferentes.

As arquiteturas do lugar na revista projeto

Na tentativa de compreender a força do lugar na arquitetura brasileira da década de 1980, recorre-se à todas as referências às arquiteturas do lugar, entre projetos, obras e textos, publicadas na revista *Projeto*, desde sua fundação, em 1977, até o número 128, de

dezembro de 1980. A partir da pesquisa, procura-se analisar as características e linhas de pensamento orientadores da prática projetual de arquitetos brasileiros preocupados em inserir suas arquiteturas adequadamente ao lugar e, assim, contribuir para a ampliação do debate crítico da produção arquitetônica da década de 1980.

Em um primeiro momento, por meio da analise das revistas, com base em fotografias, peças gráficas e eventuais textos descritivos, são selecionadas as referências que consideram as particularidades do lugar como um aspecto determinante da concepção do partido arquitetônico. Em seguida, o material selecionado (77 trabalhos de arquitetos, entre projetos e obras construídas) é relacionado em um quadro síntese, onde constam informações identificadoras dos projetos, como o autor, local e a data, acompanhadas por uma breve explanação sobre como as particularidades do lugar se materializam e sobre os artifícios utilizados para inserir adequadamente a edificação em um contexto particular. Por uma questão prática de organização, os projetos e obras são enumerados seguindo a ordem de publicação na *Projeto*, mesmo que alguns sejam republicados.

Distribuição geográfica

O quantitativo de projetos e obras publicados na revista, identificados por expressarem preocupação com a manutenção do diálogo com o entorno, evidencia a abrangência da *Projeto* no território nacional, uma vez que estão difundidos nas cinco regiões do país, do que concentradas no eixo Rio de Janeiro–São Paulo. São identificados exemplares das Arquiteturas do Lugar nas cinco regiões brasileiras, diferentes proporções.

Os estados do Nordeste reúnem o maior número de obras, provavelmente pela junção de dois aspectos indissociáveis à viabilidade construtiva na região – clima e economia -, os quais são sempre considerados por arquitetos preocupados em inserir adequadamente suas obras. O concreto armado, apesar de ainda utilizado em grandes obras na região nordestina, é contestado na medida em que outras tecnologias construtivas, tradicionais ou fruto de pesquisas, são incorporadas à prática projetual com frequência cada vez maior, a partir da construção de exemplos condizentes com a realidade local e com alto nível técnico.

A região Sudeste concentra o segundo maior número de referências, porém, a representatividade da região é consequência, principalmente, da experimentação sem preconceito de materiais e técnicas construtivas dos arquitetos mineiros, seguido das obras de arquiteturas do interior de São Paulo. As regiões Sul e Norte possuem praticamente a mesma quantidade de projetos e obras, e na Centro-oeste são encontrados os menores índices. Essas estatísticas estão mais relacionadas, no caso das regiões Norte e Centro-

oeste, à menor densidade demográfica do que à identificação da tendência com a realidade local, visto que, como no Nordeste, as culturas regionais são bastante enraizadas.

Em relação à região Sul, como o clima é mais frio, os aspectos climáticos não têm o mesmo peso no projeto, comparando-se as regiões Norte e Nordeste, por exemplo. Além disso, as tipologias arquitetônicas pré-existentes parecem estar mais identificadas com as tradições culturais europeias, devido à grande população descendente de imigrantes europeus, que mantêm um modo particular de construir referenciado nas construções de seu país de origem.

Artificios utilizados pelos arquitetos

Apesar dos projetos e obras integrantes do quadro estarem sensibilizados com as particularidades do lugar de inserção, a preocupação de refletir na obra aspectos culturais, climáticos e tecnológicos locais, é evidenciada por maneiras e intensidades diferentes, em decorrência da importância atribuída pelo arquiteto às características particulares da realidade. Sendo assim, as edificações são analisadas como um todo, considerando todas as escolhas, formais e técnico-construtivas, empregadas pelo arquiteto. Intenciona-se, aqui, compreender em que medida o arquiteto incorpora, no processo de concepção da obra arquitetônica, as características físico-espaciais e culturais da realidade, possibilitando o diálogo entre obra e entorno de diferentes maneiras.

Sem estabelecer uma cartilha dogmática rígida e com um vasto repertório formal-construtivo, os arquitetos ficam livres para escolher as maneiras mais apropriadas de inserir sua obra no entorno. Considerando as referências encontradas na *Projeto*, é possível agrupar as práticas projetuais em quatro grupos, correspondentes aos principais pontos norteadores dos partidos arquitetônicos das Arquiteturas do Lugar. O uso de uma determinada prática, entretanto, não exclui as demais, ao contrário, os projetos mais preocupados em se identificar com o lugar buscam mais de uma maneira de inserção adequada no mesmo.

Materiais e tecnologias construtivas

O uso do concreto armado começa ser criticado a partir do fim da década de 1970, paralelamente à realização de pesquisas que buscam desenvolver novas tecnologias construtivas para viabilizar o uso de materiais locais ou, ainda, reinterpretar técnicas construtivas tradicionais, como o adobe e a taipa, em construções contemporâneas.

Grande parte dos projetos e obras inseridos no quadro síntese recorre ao uso de materiais locais, como um meio de melhor se adequar ao entorno. Apesar de não configurar como

regra, a prática incentiva o uso de mão-de-obra local, visto que os trabalhadores estão habituados ao modo de construir. Ademais, arquitetos e/ou pesquisadores, ao desenvolver tecnologias, buscam propor soluções simples, ao menos em termos construtivos, para que a mão-de-obra local possa ser instruída com certa facilidade. Exemplo desta iniciativa é o desenvolvimento da tecnologia da argamassa armada por João Filgueiras Lima – Lelé (Figura 1), no cenário nacional e, no contexto latino-americano, a cerâmica armada desenvolvida pelo engenheiro uruguaio Eladio Dieste. Também são feitas experimentações com o adobe e a taipa, técnicas fortemente enraizadas na construção tradicional brasileira.

Além de Lelé, Acácio Gil Borsoi desenvolve, para o projeto do conjunto habitacional Cajueiro Seco, em Recife, um sistema de pré-fabricação de elementos construtivos, aliando a rapidez construtiva, necessária para a construção de obras escolares ou habitações de uso popular, à facilidade de manuseio e construção, permitindo a capacitação de trabalhadores da região no canteiro de obras, bem como o manuseio de peças sem grandes esforços, impactando, assim, o entorno da obra de forma positiva, inclusive pela geração de empregos.

Figura 1: João F. Lima – Escola em Abadiana, GO (acima) e Pituaçu, BA (abaixo, à esquerda). Construídas à partir de 1983.



Fonte : PROJETO , São Paulo: Projeto Editores, ano 10, n. 87, mai. 1986.

A madeira, na maioria dos casos, é utilizada como estrutura, apesar de ser explorada, também, como vedação, cobertura, para a fabricação de elementos arquitetônicos, como esquadrias e veneziana ou, ainda, para substituir o comumente utilizado piso cerâmico por tacos ou ripas de madeira. Componentes cerâmicos também são bastante utilizados, sendo perceptível no quadro a quantidade de projetos e obras que substituem as alvenarias em

blocos de concreto pela de tijolo cerâmico, muitas vezes autoportantes. A facilidade de execução, a boa inércia térmica, o preço mais atrativo e o conhecimento popular para a execução são fatores que dão ao tijolo vantagens em relação ao uso do concreto armado. Sua aplicabilidade também vai além da alvenaria: muitas obras utilizam o tijolo cerâmico para a construção de vergas, contra vergas e, como tecnologia construtiva, pequenas abóbadas, que, quando colocadas a uma distância máxima, servem de apoio para a laje, dispensando o uso de pilares de concreto.

Fatores climáticos

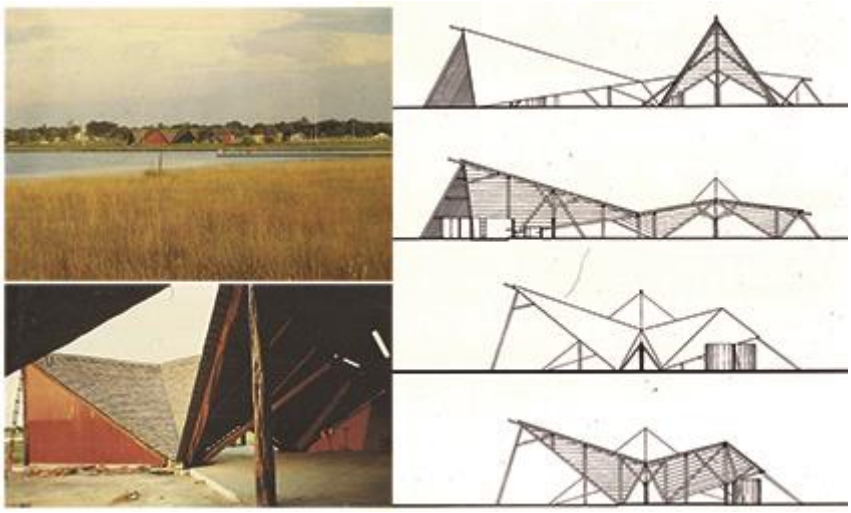
Analisando o quadro síntese, é possível perceber que a preocupação em desenvolver uma arquitetura adequada às condições climáticas locais se configura como uma das maneiras mais utilizadas por arquitetos brasileiros para adequar suas arquiteturas ao entorno. O uso de materiais adequados a cada situação particular é um dos artifícios explorados para garantir, principalmente, melhor inércia térmica ao edifício. Sendo assim, a substituição do concreto pelo tijolo cerâmico é mais uma vez conveniente, e, em se tratando da cobertura, as lajes podem ser substituídas por forros de madeira ou, quando sua substituição é inviável, os projetos preveem grandes coberturas com estruturas de madeira e telha cerâmica - em casos mais específicos, usa-se palha e cavacos de madeira.

De toda forma, é possível observar que os aspectos climáticos influenciam as edificações, em grande parte dos casos, na composição formal, e, por consequencia, no posicionamento e dimensionamento das aberturas. Em relação aos aspectos formais, há um cuidado especial com o desenho da cobertura, sendo o elemento de mais força no projeto. Em geral, são inclinadas e com beirais extensos, caso haja necessidade de proteção de alguma fachada da incidência solar. Este artifício é largamente utilizado, por ser uma solução simples e eficaz, além de aproximar as obras das edificações tradicionais, as quais, em geral, possuem telhados com beirais (Figura 2).

O posicionamento das aberturas é outro artifício utilizado, principalmente, para otimizar a captação e circulação dos ventos dominantes de cada lugar. Concebidas em função da incidência solar nas fachadas, é perceptível o cuidado de arquitetos em desenhar esquadrias especialmente pensadas em função da orientação solar, usando artifícios como venezianas, por exemplo, em casos onde é desejável permitir que o vento adentre a edificação e ao mesmo tempo impedir a entrada de raios solares. Ou, ainda, estas esquadrias são posicionadas, estrategicamente, em função dos ventos dominantes, quando conveniente. Os ventos dominantes e a incidência solar também influenciam o posicionamento das edificações no sítio, um artifício mais observado em projetos e obras

residenciais, talvez pela maior flexibilidade do programa ou, ainda, pela maior facilidade permitida pela escala entre edifício e o terreno.

Figura 2: Otacilio Teixeira Lima Neto - Parque Anauã, 1980, Boa Vista, RR



Fonte : PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 13, n. 120, abr. 1989

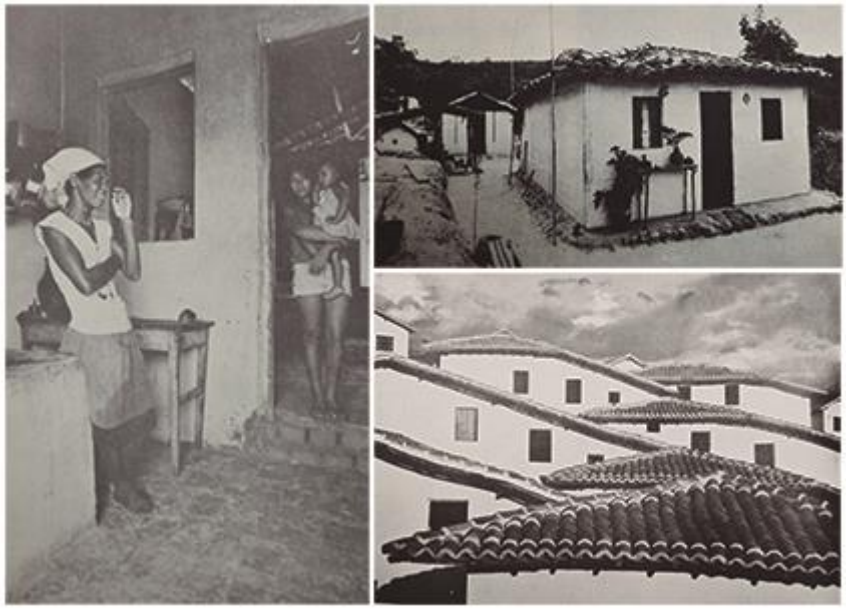
Conformidade com o sitio historico-urbano

As tipologias edificadas no entorno representam uma fonte de referências para que arquitetos consigam inserir, de forma mais completa, sua obra em um local particular. Em geral, são retirados, do repertório formal pré-existente, elementos construtivos adequados ao clima da região e que utilizam materiais e/ou técnicas construtivas locais. Além disso, o tecido urbano possui parâmetros e indicativos sugestivos de determinada forma de inserção da obra no espaço físico. O traçado das ruas, os espaços públicos e a escala da cidade, por exemplo, são condicionantes importantes a serem considerados na inserção da obra no entorno, podendo determinar, entre outros aspectos, a melhor maneira de inserir o edifício no lote a fim de contribuir para sua integração com o espaço público.

Em alguns casos, há uma preocupação em qualificar o espaço urbano por meio da inserção de nova arquitetura, principalmente em situações onde o tecido urbano está desgastado e /ou fragmentado. Não havendo harmonia entre as edificações que ocupam esse espaço, a nova arquitetura se configura como uma nova referência. Quando o lugar não possui características particulares muito evidentes, ou seja, é formado por uma justaposição de vários fragmentos urbanos, ocorre uma inversão de papéis e a nova arquitetura assume o papel de ressaltar a essência do lugar e resgatar antigas referências, ou, ainda, o dotar de novo sentido.

Em termos arquitetônicos, as tipologias arquitetônicas locais são consideradas, principalmente, em dois aspectos. Primeiro, em sua esfera funcional, visto que alguns projetos apresentados no quadro síntese demonstram a existência da preocupação do autor do projeto em desenvolver um programa pensando na distribuição mais adequada dos espaços internos, sob a perspectiva do usuário, assim como do tipo mais comum de apropriação espacial por outros indivíduos pertencentes à mesma comunidade, respeitando, entretanto, as devidas particularidades (Figura 3).

Figura 3: Luiz Otavio Chaves - Conjunto habitacional, 1983, Vale do Jequitinhonha, MG



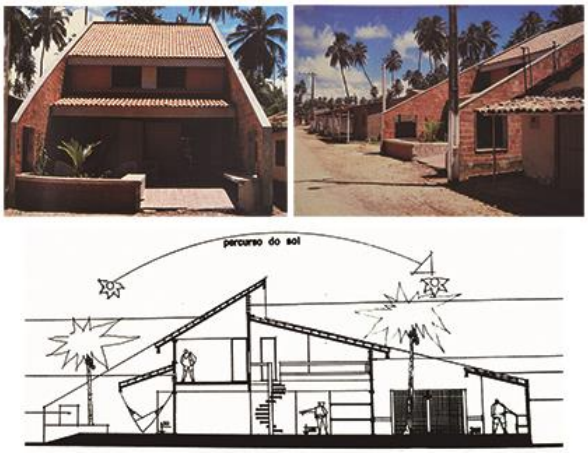
Fonte : PROJETO São Paulo: Projeto Editores, ano 10, n. 91, set. 1986.

Em relação ao repertório formal-construtivo, percebe-se a existência de uma ligação direta ao uso de materiais e, em alguns casos, da mão-de-obra, locais. A partir dos materiais, identificados os elementos construtivos das edificações do entorno mais adequados à nova arquitetura. Percebe-se uma variação, dependendo da obra e da região, mas, em geral, as coberturas são as referências mais claras e diretas às construções do entorno, principalmente nas regiões Norte e Nordeste, configurando-se como o elemento de maior força no projeto. Ademais, esquadrias e proporções entre cheios e vazios das fachadas são reinterpretados, assim como artifícios de vedação em madeira, como os muxarabis e as venezianas.

Conformidade com o sitio geográfico

Entende-se como sítio geográfico o espaço físico correspondente ao lugar de inserção do projeto ou obra, sendo relevantes para o projeto arquitetônico seus aspectos objetivos e concretos, como a topografia, a vegetação e os visuais paisagísticos. Na análise da revista *Projeto*, percebe-se o uso destes elementos como pontos norteadores de projetos e, em alguns casos, como definidores da concepção formal da edificação. Em geral, quando os três elementos – topografia, vegetação e paisagem – estão presentes no mesmo sítio, são considerados, como um todo, na definição da implantação da edificação no local, em um esforço de agredir ou alterar minimamente a paisagem natural (Figura 4).

Figura 4: Catia Avelar, Glicia Fernandes, Roberto Montezuma – Residência, 1988, Maragogi, AL



Fonte: PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 13, n. 125, ago. 1989.

Em relação à topografia, os projetos buscam evitar a alteração do perfil natural do terreno. Nestes casos, a implantação pode definir a composição formal do edifício e orientar o meio mais apropriado para distribuir o programa, em um ou mais níveis, a fim de evitar grandes deslocamentos de terra. À vegetação pré-existente, é dedicado um cuidado especial no processo de implantação para evitar, ao máximo, a derrubada de árvores, assim como explorar, quando viável, a sombra oferecida pelas árvores para diminuir a incidência dos raios solares em algumas fachadas. A paisagem natural local está mais ligada aos visuais e, assim sendo, interfere na implantação do edifício no sítio, principalmente em regiões litorâneas, onde o contato, mesmo que visual, com o mar é considerado o aspecto de maior peso no projeto.

Considerações finais

Durante décadas, a historiografia da arquitetura brasileira esteve limitada à existência de uma arquitetura oficial, sob os moldes traçados pelo modernismo. Entretanto, considerando o grande numero de referencias encontrados na revista *Projeto*, esse panorama não representa, ao menos em termos quantitativos, a produção arquitetônica brasileira. Outras arquiteturas, de caráter mais regional, concebidas sem consideração de dogmas e uma cartela restrita de materiais e técnicas construtivas, continuam sendo edificadas no Brasil, mesmo durante os anos áureos da arquitetura moderna brasileira.

Os projetos, obras e textos encontrados na *Projeto* indicam a consolidação das Arquiteturas do Lugar ao longo da década de 1980, como uma resposta local à simplicidade pragmática e funcional proposta pela arquitetura moderna. Entretanto, em se tratando do período analisado, é preciso levar em consideração que, formada por ciclos, uma revisão mais fundamentada e mais consistente não deve ser realizada linearmente, como se um acontecimento sucedesse ao próximo de forma definitiva. Ao contrário, deve-se considerar sobreposições, interrupções e possíveis retomadas posteriores. Assim, pode-se afirmar serem estes questionamentos integrantes de um período de transição e de reflexão, sendo o termo *revisão* - de conceitos, de formas de pensar e de agir - o mais apropriado para descrever o que acontece no período.

Principalmente após a construção de Brasília, a busca por analogias e referências, aos poucos, é encorajada por um número cada vez maior de arquitetos brasileiros, culminando na conformação das Arquiteturas do Lugar como um fenômeno de força na arquitetura brasileira. Entretanto, este posicionamento frente à realidade não domina a prática arquitetônica de forma repentina, ao contrário, começa com obras isoladas, edificadas nas décadas de 1960 e 1970, publicadas na *Projeto* apenas nos anos 1980, e, aos poucos, mais frequente no cenário arquitetônico nacional.

Desta forma, é possível uma analogia entre a retomada dos debates críticos acerca da arquitetura e do urbanismo e o aumento do número de arquiteturas pensadas a partir do seu lugar. Na medida em que evidencia-se incapacidade da arquitetura moderna responder aos anseios de comunidades locais, e sua reprodução indiscriminada começa a gerar significativos danos ao tecido urbano tradicional das cidades brasileiras, as Arquiteturas do Lugar se mostram como resposta a estes questionamentos.

Referências bibliográficas

BASTOS, Maria Alice Junqueira & ZEIN, Ruth Verde. *Brasil: Arquiteturas após 1950*. São Paulo, Perspectiva, 2010.

MONTANER, Josep Maria. *Arquitetura e crítica*. Barcelona, Gustavo Gili, 2007.

PROJETO. São Paulo: Projeto Editores, ano 1, n. 7, ago. 1977.

PROJETO. São Paulo: Projeto Editores, ano 1, n. 18, ago. 1977.

PROJETO. São Paulo: Projeto Editores, ano 1, n. 24, ago. 1977.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 3, n. 15, set/out. 1979.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 6, n. 38, mar. 1982.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 6, n. 40, mai. 1982.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 6, n. 41, jun. 1982.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 6, n. 47, jan. 1982.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 7, n. 49, mar. 1983.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 7, n. 52, jun. 1983.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 7, n. 54, ago. 1983.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 7, n. 55, set. 1983.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 7, n. 56, out. 1983.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 7, n. 57, nov. 1983.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 7, n. 58, dez. 1983.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 8, n. 59, jan. 1984.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 8, n. 60, fev. 1984.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 8, n. 61, mar. 1984.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 8, n. 66, ago. 1984.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 9, n. 71, jan. 1985.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 9, n. 73, mar. 1985.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 9, n. 75, mai. 1985.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 9, n. 77, jul. 1985.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 9, n. 78, ago. 1985.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 9, n. 79, set. 1985.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 9, n. 81, nov. 1985.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 10, n. 83, jan. 1986.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 10, n. 86, abr. 1986.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 10, n. 87, mai. 1986.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 10, n. 91, set. 1986.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 10, n. 92, out. 1986.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 10, n. 93, nov. 1986.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 10, n. 94, dez. 1986.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 11, n. 96, fev. 1987.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 11, n. 98, abr. 1987.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 11, n. 99, mai. 1987.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 11, n. 101, jul. 1987.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 11, n. 103, set. 1987.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 11, n. 104, out. 1987.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 11, n. 105, out. 1987.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 12, n. 107, fev. 1988.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 12, n. 108, mar. 1988.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 12, n. 110, mai. 1988.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 12, n. 113, ago. 1988.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 12, n. 114, set. 1988.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 12, n. 115, out. 1988.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 12, n. 116, nov. 1988.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 12, n. 117, dez. 1988.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 13, n. 120, abr. 1989.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 13, n. 122, mai. 1989.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 13, n. 125, ago. 1989.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 13, n. 126, set. 1989.

PROJETO, São Paulo: Projeto Editores, ano 13, n. 128, dez. 1989.